

O ARARIPE.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideas livres, proteger a causa da justiça, e propugnar pe'a fiel observancia da lei, e interesses locais. A redação so é responsavel pelos seus artigos; todos os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados.

O preço da assignatura é por um anno 4\$000 pagos adiantados; e por 6 meses somente 3\$000. O jornal sairá todos os sabados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez as mais serão pagas a 60 rs. cada uma. Os ns. avulsos a 80 rs.

CRATO

Typographia de Monte & Comp. — casa do Pisa

N.

O ARARIPE.

Data das criações das freguesias da Provincia, segundo o relatório do Ministerio da justiça deste anno.

Aquiraz	—	1700
Russas	—	1735.
Crato	—	1740.
Quixeramobim	—	1745.
Amontada	—	1757.
Villa-viçosa	—	1757.
Granja	—	1757.
Baturité	—	1758.
Mecejana	—	1760.
Côcos	—	1760.
Missaõ-velha (*)	—	1760.
Fortaleza	—	1761.
S. Matheos	—	1775.
Aracaty	—	1775.
Riacho do sangue	—	1784
Arneiroz	—	1784.
Icó	—	1784.
Sobral	—	1804.
Lavras	—	1813.
Jardim	—	1814.
Canindé	—	1818.
S. Quiteria	—	1822.
Pereiro	—	1831.
Telha	—	1831.
Cascavel	—	1832.
Barra de Acaracú	—	1832.
Inhamum	—	1832.
Maria Pereira	—	1832.
Assaré	—	1838.
Barbalha	—	1838
S. Cruz.	—	1842.
Milagres	—	1842.
S. Anna do Acaracú	—	1848.
Saboeiro	—	1853.
Tamboril (não provida)	—	1853.

(*) Ha equivoco nesta data. A freguesia do Crato foi desmembrada da de Missaõ-velha, a que pretencera, em 1740; como pois diser-se que Mis-

saõ-velha foi erecta em matriz em 1760 ? Os primeiros lugares povoados do Ceará foraõ Aquiras, Missaõ-velha, Russas, e Villa viçosa Coelho visitou a Ipiapaba em 1603; na sua volta fundou, seo estabelecimento á margem do Jaguaribe conhecido por nova Lusitania Moreno visitou o Ceará e ajudando de Jacobina fundou a fortaleza do Amparo em 1808. Porem ja 1590 Joaõ Correia Arnaud tinha penetrado até Misaõ-velha. Os estabelecimentos fixos principiaraõ aqui em 1810 com a vinda do coronel Joaõ Mendes Lobato e seo filho o Padre Antonio Mendes Lobato. Tudo isto prova que não foi em 1760 que se criou a freguesia de Missaõ velha. O sr. Capitão mor Biserra nos noticia que Missaõ-velha já era freguesia em 1730. Desejamos que o Reverendo sr Arnaud, Vigario de Missaõ velha, ministrasse algum documento, que resolvesse a questãõ.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

VEJA O POVO PERNAMBUCANO SUA DEGRADAÇÃO !!!..

Ante os olhos temos o artigo do — Asmodeu — jornal de Lisboa, transcripto da — Marmota — folha do Rio, que submettemos a sua consideração! Elle e tal e de tal forma escripto, rebaixa e avilta a tal ponto o caracter nobre e heroico do povo brasileiro é especialmente do pernambucano que mais que todo outro, soffre esses ingratos e insolentes animalejos, que só pelos probos e briosos brasileiros dando-lhe em continente um desprezo solemne e sem precisar de offendel-os, mostrando dest' arte que ainda n'esse apuro e estado de por elles ultrajados. sabemos sim dar-lhes memoravel lição mas com a generosidade de brasileiro, que tem sempre em seu coração magananimidade e educação, e não de marinheiros cuja existencia é o lixo, e cujo viver é a ladroeira!

De outro modo, em quanto a nós, entendemos não darmos uma amostra do que somos para nos julgar a posteridade.

Sim! e nunhum brasileiro de sentimento deverá este nosso pensamento censurar, nenhum Pernambucano emfim que sabe o que valem os Pernambucanos!

Pois, além de vivermos por esses demonios suplantados, além do nosso ouro, e toda a nossa riqueza desapidadamente roubarem-nos a titulo de negociante; além de com nossas filhas, irmãs, ou parentas casarem, traficarem, mercadejarem com as nossas vastas riquezas a ponto de se constituirem donos e senhores dellas; além de disporem do Brazil com o maior descredito para nós devido a safaros e inconsiderados Brasileiros reduzindo-nos á condição de escravos e tendo nós delles o pão pelo amor de Deus; havemos (dizemos) aturar sem alguma desforra uma injuria semelhante, uma afronta e ultrage o mais positivo, como ahí se vê no artigo da transcripção que expomos a vista de todos? ou pelo menos não havemos tomar serias medidas, para que esses marotos de chôfre não nos esmaguem que é plano todo delles e o que bem vamos vendo pelos factos?!... Ah! seria então não descendermos dos Henriques Dias, Vieiras, Camarões e de outros distinctos e immortaes Varões, seria eclipsar e suplantar o nosso nome brasileiro?

E que dirão as futuras gerações?! que somos os mais píes e mais infames de todas nações, e que não somos um povo heroico que sabemos até onde se estende a esfera do nosso heroismo!

De proposito não queremos aqui analysar nenhuma dos topicos d'essa infernal e provocadora propaganda luso-desaforada; ahí a estampamos aos pernambucanos e os Brasileiros todos que teem dados em suas mãos que os joguem, se quizerem salvar-se e salvar a dignidade do Brasil!!!

" O JANOTA BRASILEIRO.

" O Brasileiro é typo caricato em França, em Inglaterra, em Hespanha e em todas as nações que não sejam Brasil; mas é—o muito mais entre nós que somos a origem dessa nova especie de animal curioso, transição do macaco para o periquito; do quadramano de que possui a figura e da ave da qual origina a falla a copia e plumagem.

" Se ha bicho mais nojento, mais antipatico mais repugnante, do que o janota de Marrare é o janota brasileiro. Esta fusão de sangues e de espécies heterogeneas seria repudiada de toda a Europa civilizada senão tivesse descoberto o ouro como unidade de permutação, e esse metal nascer ou — crear-se — em grande abundancia na patria destes mesquinhos espirros da humanidade, que só são avaliados socialmente pelo maior ou menor valor metalico que representam.

" O Brasileiro nasceu nosso, e como tal é mais nosso do que do inglez, do francez, ou hespanhol. Fugio-nos, nacionalizou o coco e a banana e tornou-se independente; embrenhou-se nas selvas, amou

o orangotango e a arára, fundirão-se as espécies, degenerou a raça, e da antiga origem só lhe ficou a linguagem decadente e arrastada. Com tudo o brasileiro é nosso por direito de primogenitura de posse e de linguistica; vive muito entre nós, casa aqui, aclima-se e torna a ganhar na sua descendencia a perfeição que havia perdido, assim como por compensação natural ha patricios nossos que casão no Brasil, familiarisào-se com o macaco, frequentão o periquito e na sua descendencia dessem à natureza de brasileiros, e tornão-se viscondes de Maranguás, marqueses de Piáguassús ou simples senhores da roça de Tirauty

E por isso o brasileiro é mais nosso do que de ninguém, e vamos a descreve-lo ainda que tal tarefa seja ardua para a nossa limitada intelligencia, sendo o brasileiro uma mina phisiologica redicula, que só a grandes engenhos é dado a explorar devidamente.

O brasileiro chega-nos ás carregções como qualquer genero de importação: e toda a gente ao topar com muitos calèxes da companhia, caminhando do lado de Belem e carregadas de homens exquisitos, mulheres exóticas, com seu moleque n.º almofada ao lado do cozeiro, e a competente moçata ou negra com o neném ao collo, qualquer pessoa, diziamos, que encontra va este prestito, diz logo são brasileiros que agora mesmo saltarão em terra.

O Brasileiro logo que chega estabelece-se em um hotel do bairro de S. Paulo, e dá ordem para que o calexe o venha tomar todas as tardes nos primeiros quinze dias da sua chegada, afim de apparecer em toda a parte e de se tornar conhecido. A mania predominante do brasileiro é trajar no rigor da moda, mas sempre do modo que não encubra o— Manoel coco—. Os fabricantes, dedicarão uma parte dos productos das suas fabricas, especialmente ao consumo do brasileiro. Ninguém usa chapéo côr de rosa ou azul-celeste, senão o brasileiro, bem como o colete gema d'ouvo, o fraque verde gaio, a gravata carmezim, e a calça roxo terra, e a luva côr de laranja, forão logo destinados ao brasileiro —pure sang—, que não falla senão da côrte do Rio, das damas —di lá—, e que logo que tem lóo vem gozar na Europa o que a independencia da banana e o deleite do maracujá não podem dar. Os brasileiros odeião os europeus e dão lhes as alcunhas de —pelintras— sem se lembrarem que a não ser a Europa o macaco não merecia nunca as honras de vidraça de gabinete zologico, e viviria desconhecido á sombra do cozeiro, roendo faminto o carolo de mandioca.

O brasileiro é a providencia das meninas enfeites, a que dedica a seu amor, pois que as outras tem nojo do sapajou—. O brasileiro pastaria

incognito á sombra de sua mesquinhez de sorte e de figura, senão fosse o metal que representão, e pelo que é avaliado na Europa, segundo o maior ou menor peso que possui. O brasileiro viaja, vai á Paris, á Londres e a Italia, porque lê nas traducções dos romances francezes, que é viajar nestes paizes do bom tom, mas no Louvre ou em Versailles, no Colyseu ou em Regent Park, toda a gente olha para o brasileiro, sorri-se descobre nelle a victima da toleima, o desfructe da sociedade, a providencia dos hotéis, o amparo das mulheres sem amante, o unico consumidor dos estofos que não tem sobida, por falta de senso commum.

Todo o brasileiro é fidalgo milionario, commendador e senhor de muitos escravos, e é isso a unica cousa que elle sabe dizer no Marrare, no Club e... n'alguma casa particular que elle frequenta e que muita gente decente evita. Querem campar de muito delicados altamente conhecedores da etiqueta do bom tom, mas o ar—guache—e macacado de suas maneiras, o suprasummo ridiculo de seus gestos, e o caricato de sua figura, não podem fazer impôr a serio um janota brasileiro, nem comprimir a gargalhada sempre prestes a todos os labios, em presença deste polichinello das sociedades civilizadas. O brasileiro gosta muito de doce, e é maior consumidor de pasteis de nata—merengues—e pastilhas dos conserveiros de Lisboa. Casa com a primeira costureira de camisas ou caixeira de estanco, que com meia duzia de olhares ternos tentarão apanhar na sua rede amorosa um basbaque conjugal.

Protegem a actriz ou dançarina (bonita ou feia, sendo actriz é quanto basta) para se darem como verdadeiras—reinas—da moda (Eugeuio Sue.—Romans divers) e á sombra da arte que consiste a sua bella, uma escrava de Thalia ou Therpsicorro, o janota brasileiro julga distinguir se, gasta o dinheiro que lhe não faz falta, unico meio de poder conseguir alguma cousa, já que pela sua intelligencia e merito pessoal, não podem conseguir senão a gargalhada e o ridiculo.

[Ext. do jornal O POVO de Pernambuco n. 50]

Não tendo o supplicante assentado praça, não pode ser considerado desertor, e nada ha por tanto que differir

Corte 25 de 7brº de 1857.

J. A. Saraya.

SENHOR.

Diz Antonio José Barbosa Baiano morador no termo da Villa de Ouricury Provincia de Pernambuco, casado, e com dois filhos, que tendo hido com negocio á Provincia do Piahy no principio d'este anno em companhia de seu pai o Capitão Alexandre José Barbosa Baiano, fôra despoticamente recrutado n'aquella Provincia para o serviço da Ma-

rinha; e posto que requeresse á autoridade competente, fazendo ver a injustiça que se lhe fazia, e a isenção que lhe assistia, não foi attendido, e pelo contrario teve o destino de ser remettido, como foi, para a Provincia do Maranhão, e ali embarcado com direcção para esta Corte, afim de assentar praça; entretanto a Divina Providencia auxiliou-o a salvar-se da injusta oppressão que se lhe fazia, fazendo com que elle regressasse ao seio de sua familia, que já pranteava a sua perda; mas nem ainda assim tem podido gozar socego, por quanto os seus inimigos pretextando ser elle desertor de Marinha, o perseguem com atrocidade, e não o deixão crear seus filhos.

Ora desertor só poderia ser o supplicante se houvesse sentado praça, e jurado bandeira n'esta Corte, porem assim não aconteceu, porque do Ceará pode escapar-se das garras dos seus algozes, ao passo que sendo casado não pode em face da lei ser recrutado; e como sem o socorro da soberana Authoridade de V. M. I. não pode gozar da tranquillidade de que carece, vem requerer a V. M. I. se digne por sua Suprema Dilecção garantir o de novas violencias, declarando não ser elle desertor, visto não ter sentado praça, nem estar sujeito ao recrutamento, uma vez q' é casado, e assim V. M. I. amparará a uma familia, consternada que recorre a sua Alta Protecção;

Pede a V. M. I. Desira--o na forma requerida.

E. R. M.

Rio de Janeiro 24 de 7brº de 1857.

Como Procurador.

Luz Heraclitos da Fontoura.

ARTIGO V.

PEREIRO.

Não tem o Patrono necessidade de provar melhor para demonstrar a incúria da Camara municipal do Pereiro, e seo desprezo e respeito de hygiene, do que a pratica do sr Vigario feita a estação da missa conventual, cujos topicos ficão transcriptos nos Arrripes passados. He hum documento que exhibo contra essa Camara comprobatorio do desprezo em que ella tem tido a salubridade do seo municipio, especialmente no local da Villa. Fique, porem, por ora isto de parte, e permita o Céu que o seo procedimento para diante seja digno de honra.

Se as obrigações da referida Camara se limitassem somente á salubridade do municipio, o Patrono não lhe bateria tão depressa ás portas de sua casa para questiona la sobre faltas dos outros deveres, que lhe encunbe a lei do seo regimento.

Abri a vossa lei, lede o titulo 2º, e dizei-me com a mão na consciencia:—ten. e. observo, e feito observar estes mandamentos? O que he feito das vossas posturas? O vosso proprio Parocho, tratando da hygiene desse lugar, disse, como já ouvistes—que o vosso codigo de posturas he zero, he nada por não serem ellas observadas, cumpridas, e obedecidas—Que força moral pois tendes? Que imperio tem essas vossas leis? Como vai a vossa receita nas mãos do vosso procurador? Será verdade que o vosso procurador usufruindo essa arte de a seo arbitrio, tem com suas novidades pago dividas, comprado sitio, vaccas? Se assim he, parece dar-se ahí hum crime de estellionato da parte desse vosso procurador, com bastante responsabilidade vossa.

Abri os olhos, animai-vos.

Lede mais o titulo 3º, e dizei-me se, no sentido desta parte da lei, tendes tão bem feito o vosso

dever? Em que estado se achão—ladeiras, caminhos, cacimbas de agoa de beber, atêrro da estrada da Cruz, cacimba do genipapeiro, a vossa casa em fim?—*Nicut erat in illo tempore*

Lêde ainda o título 4.º, e ouvi-me—: ignoraes que só tendes que mereça o nome de empregado o honrado sr. Paulo Gonçalves de Sousa, vosso Secretario, que alem de ser exacto e pontual, he de mais primoroso nas suas obrigações? E os mais funcionarios? *Bonum erat si non fuissent*

Ainda torno Teó 25 de 8br.º 1857. O Patrono

Ao amigo das aguas

Sr. Redactor, ha cousas pequenas que chocão o nosso animo de um modo tal, que nos fazem romper em indignação, como se fossemos ultragados pela mais affrontosa accusação: parece que nisso inflúe a estigão do tempo; porque tambem muitas vezes desprezamos cousas grandes, que com dupla razão divião offender nos. Com nosco acaba de dar se isto. Depois dé termos desprezado desenhas de pirraças de certo visinho nosso que tem nos causado prejuizos incalculaveis, sentimo-nos indignados, e assentamos de repellir lo, vendo que elle teve a audacia de atirar nos invectivas no prélo, fingindo se hum condoido dos males alheios (*Araripe* passado n.º 118.)

Sr. Redactor, esse condoido, é um mentiroso, e só procura cobrir nos de odiosidade, para ver se consegue das Authoridades locais a permissão de represar as aguas do brejo da Timbauba, que lhe são convenientes para fertilisar um sitiosinho, que elle possui a alguma distancia. Essa gleba que elle chama pantanosa, he cultivada é vinte e tantos annos e ahi está o Sr. Manoel Joaquim do Junco, para comprovar nos; i essa meia trefade cannas, que elle tomou para seu palito, produzio o anno passado seis centas canadas de aguardente, nove cargas de rapaduras, e mais de seis arrobas de astucar branco, e o beneficio, que fasem essas aguas represadas, que o diga o Feitor do sr. dr. Marcos, que costumando faser para cima de duas mil canadas d'espirtos, este anno apenas pôde faser dusesentas e poucas; que o diga o Sr. Capm. Antonio Glz' Landim; que o diga a viuna D. Angelica, que o diga a familia Cabral, os quaes todos soffrerão neste mesmo anno um decrescimento doloroso em suas safras; e soffrerão por causa do represamento das aguas, que o tal Sr. Condoido regara lá para o seu novo sitio. Foi com essa inversão mentirosa, Sr Redactor, que nós embirramos, mormente por que poderia ella faser mção no animo da autoridade competente, e estarmos nós ao depois com barulhos policiaes, como aquelles habitantes do Caubi. Qd? o Sr. Capm. Baptista o anno passado deo nos autoris-qão para escuar essas aguas, reflectio no caso, e nao nos autorisou por compadresco não, pois o tal condoido bem lhe conheceo asua integridade. Mas para que fingio que ignorava isso, ou quiz fazer esquecer, e que os extranhos agora entendessem que foi o Sr. Dr. Barbosa quem deo tal autorisação?

Queria também morder esse Sr. Dr?

Emfim, Sr. Redactor, depois de asseverar que o condoido dos males alheios do *Araripe* passado he um mentiroso, porque inverte as cousas de proposito, terminaremos disendo, que sim somos escassos de fortuna, somos racas, somos tudo quanto elle quizer que os typus digão: vamos vivendo com esses ratos guabirús, de que elle fes inundar a nossa gleba de meta tarefa. O seguinte infra escripto declara ser calumniosa a proposição que emettiu o sr. condoido,

do, de ter se arancado cannas no tal saugrador, e de andar se por três das casas sem respeito a honestidade das familias.

O mais fica para diante, se fôr mister, e tenha a bondade de publicar isso no seo prélo, que muito obrigará aos seus leitores. Crato 20 de 9br.º de 1857.

João da Rocha Lustosa Joaquim da Franca Cabral.

TÃO JOVEN!!

Cresce, cresce, innocentinha,

Qual o cypreste mimoso

No jardim.

Deixa os brincos, queridinha,

Cresce bella qual formoso

Beijoin

Cresce, sim, cresce engragada,

Como cresce pura flor.

P'ra eu te amar.

Quero te ver encantada,

E a ti fallar de amor

Quero escutar.

Cresce, cresce & &

Quero no teu puro seio,

Qual a flor desabroçando,

Encantos ler.

Ver te toda só d'euleio

Teos primores ostentando

Assim te ver

Cresce, cresce & &

Quero pois, amar-te Alcina,

Quero muito te adorar

Quero ser teu;

Porque és toda divina

És um anjinho a cantar,

Feliz no Céu.

Cresce, cresce & &

Cresce, Alcina, cresee bella

Como cresce meu amor,

Minha paizão.

Serás minha linda estrella,

Minha vida, minha flor,

E coração.

Cresce, cresce & &

Em teos olhos quero ver

Vivo fogo de paizão

O' quero sim;

Para que tu possas ler

Todo inteiro o coração

Que tenho em mim

Cresce, cresce & &

Aprende logo a sorrir

No goso deste passar

De curta vida,

E como a rosa a florir

Antes de se desfolhar,

Sé querida

Cresce, cresce & &

Bebe o nectar que adormece

Deste mundo o dessabor

Venenoso,

Então este tempo esquece,

Pois o tempo de amor

Só é ditoso.

Cresce, cresce & &

Que te canta assim formosa

Minha lyra,

Cresce que o sol jocundo,

Que te cria tao mi nosa,

Te admira.

Por Pinto Bandeira.

[Imp. por Sobreira]